

Revista dos Encontros Literários Moreira Campos

Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Acervo do Escritor Cearense

<http://encontrosliterarios.ufc.br/>



Os cárceres da memória em Graciliano Ramos

Marcelo Peloggio

Em que medida e de que modo *eu sou* à luz da instância prisional? Eis a pergunta a ser feita diante do quadro de automatismo e da morte gradual do corpo em as *Memórias do cárcere*. Em boa parte, sabemos-lhe o porquê. Ora são os limites de se representar os estados de alma, ora as sugestões de caráter interno. De qualquer forma, elabora-se, por meio de fragmentos (do próprio *eu* e do mundo), e de acordo com um critério preestabelecido, uma obra coerente e íntegra. Cabendo lembrar que, devido aos limites assinalados, nunca chegamos a extrair, “com um único olhar”, a exemplo das epopeias clássicas, o sentido do mundo¹; daí a necessidade frequente de recomeço. Em nosso ser mais íntimo, as imagens veem-se sobrepostas umas às outras em grande desordem, em um ir e vir sem trégua; assim, anseiam por um espaço que lhes é caro: aquele da seleção. É como se a vida interior consistisse em um vasto campo de batalha, mais especificamente o daquela entre o desejo inconfessável e o que a lei obriga; entre a vida interior profunda e a superficial; ou ainda entre o domínio do passado e o da vida corrente; entre o *eu* e o seu “outro”:

Desde a prisão que o hospital me apoquentava, mas só agora me vinha consciência disto. Naquele tempo duas obsessões persistiam no delírio teimoso: as pancadas do relógio tomavam forma, ganhavam nitidez e mudavam-se em bichos; supunha-me dois, um são e outro doente, e desejava que o cirurgião me dividisse, aproveitasse o lado esquerdo, bom, e enviasse o direito, corrompido, para o necrotério. Essa parte direita, infectada, era um hospede sem-vergonha e chamava-se Paulo. Se Clemente Silveira quisesse, poderia facilmente operar-me de novo e desembaraçar-me do intruso².

No desdobramento interior, isto é, na reflexão, o espírito vê-se em meio à luta de interesses contrários. Percebemos o que isso significa: diante de certa exigência, ou busca ajustar-se à convenção ou ultrapassa-lhe a fronteira. Em Graciliano Ramos, havia, a todo momento, esse enfiamento de imagens, que

¹ LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Trad. de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, s/d., p. 31.

² RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 19ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1984, v. 1, p. 355.

não cuidando de ser, portanto, mera associação de ideias à glória do automatismo carcerário, revelou-se peça fundamental para *ser* e *sobreviver* através do trabalho poderoso de denúncia.

Em verdade, “o único lugar onde existe um pouco de liberdade é a cadeia”³. Diríamos mais: na vida material, ao invés, essa liberdade apenas se justifica como aparência: porque há mais substância aí do que ideia. O apreço dispensado ao *continuum*, seja na forma do pensamento, seja no conteúdo das imagens, achata-nos a todos. Assim, é no “encarceramento” do corpo físico que a vida espiritual, se potente, ganha expressão a mais elevada. A vontade de ser “outro” designa, sem mais, o motivo principal desta operação. É que a banda “infeccionada” excetuará toda alteridade; porque aquilo que deseja viver haverá de suprimir, por um lado, o conformismo, e, por outro, o ideal ascético, já que não chegamos a ser homens senão ao pé dos próprios homens. Daí retermos uma série de noções: um conjunto de imagens em face das quais entregamos os pontos ou reagimos.

É o *ser*, então, o próprio movimento de uma escolha, que é solitária, e, quando superior, livre dos enquadramentos social e carcerário. Mas aquilo que nos liga de modo profundo à humanidade dos outros é a consciência de que, no fosso da alma, reunimos criaturas de vários matizes, “infeccionadas” ou não. Assim, uma subjetividade posta é alteridade que se conquista, e a humanidade que daí resulta expressa o traçado íntimo da imaginação. Diz Graciliano: “Ignoramos o que somos, até onde podemos ir. Cercados, confinados, precisamos ver qualquer coisa além das grades. A imaginação vai longe”⁴. Porque, “nessas operações, o espírito aprende a lidar com coisas ausentes e se prepara para ‘ir mais além’, em direção ao entendimento das coisas sempre ausentes, e que não podem ser lembradas, porque nunca estiveram presentes para a experiência sensível”⁵.

O que nasce daí é, por assim dizer, mero produto da subjetividade; mas não nos enganamos de todo, de vez que se vale de um esquema conceitual prévio, e que é intersubjetivo, ou o diálogo mesmo dos vivos com os mortos – a chamada “teoria”. Tanto é que falamos de uma humanidade inteira presente desde as estreias em Graciliano Ramos. O produto da elaboração mental, em as *Memórias do cárcere*, não guarda qualquer relação com um “duplo da consciência”, noção cara à fenomenologia. No ser mesmo da narrativa prisional, o devir das imagens não mede forças com o mundo à volta, não se submete a ele e nem o dissolve em seu núcleo mais íntimo; pelo contrário, o diálogo entre o *eu* e o mundo dá-se de maneira aberta, franca, com as alteridades de um e outro sendo plenamente respeitadas, qual forças que combinam os seus elementos para *ser*. É por isso que o caráter da escolha, na seleção de imagens, certifica a alteridade de que falávamos: em sentido rigoroso, a resistência só se justifica por conta de um porvir testemunhal.

É importante notar que, ao reunir e exibir suas imagens, estabeleceu-se, em Graciliano Ramos, a conversão ela mesma do dado objetivo em fator estético, pois que elaborou sua confissão dentro de uma

³ *Ibidem*, v. 2, p. 225.

⁴ *Ibid.*, p. 251.

⁵ ARENDT, Hannah. ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 2ª ed. Trad. de Antônio Abranches, César Augusto R. de Almeida e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 61.

⁵⁶ CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 84.

lógica e uma visão artística preestabelecida, ou mais precisamente nas linhas de uma “composição por meio de fragmentos”⁶⁶. O tratamento estético de as *Memórias do cárcere*, a exemplo do texto propriamente ficcional (*São Bernardo e Angústia*, por exemplo), terá por base um tal modelo. E se havíamos mencionado a deformidade com que se representa o mundo exterior, não foi senão com o intuito de mostrar que a percepção das coisas, no filtro de uma criatura altamente impressionável, justifica esse gênero de composição. Poder-se-ia objetar dizendo que, sob esse ângulo, tendemos ao psicologismo; o que não é verdade, pois, ainda que se insinue na obra, a *personalidade* do autor procede de um modo todo especial ante a fase de criação, diferindo da do próprio autor quando na pele do cidadão comum.

O elevado senso artístico de as *Memórias do cárcere* fez com que o limite entre o fato e a ficção deixasse de ser problema. O relato histórico é aqui, em essência, objeto de arte, no sentido de que o é todo e qualquer libelo no centro de uma estética – esta com suas notas características em seu conjunto muito particular de imagens. Ademais, a liberdade de que goza a alma não é, nas mãos do grande escritor, de forma alguma, liberdade irresponsável:

Certos autores se desculparam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de liberdade – talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer⁷.

Sendo as coisas atravessadas pelos olhos da alma, combinadas em sua camada mais íntima, e cuja resposta plasmou fantasmas e cenas movediças, é de se crer que, em as *Memórias do cárcere*, a imaginação é livre. Ela até o é; todavia, não nos é possível deitar no papel as ideias que, de súbito, nos assaltam o espírito. Recorrendo-se a uma das imagens de Graciliano Ramos, podemos dizer que as ideias nos chegam nítidas, fogem, voltam, são substituídas, atropelam-se; “impossível fixá-las; coisas muito claras que se [partem]”⁸. No trabalho de seleção e combinação a ideia formulada aparece então como o reflexo do talento ou da imperícia artística. Nesse sentido, o autor de *Vidas secas* foi um bravo. Incomodava-o, sobremaneira, um romance a que dava início e entregue aos cuidados de uma datilógrafa, e o qual necessitava correção, uma vez que havia “defeitos por todos os cantos, prosa derramada e insípida”⁹. Ao referir-se desse modo à *Angústia*, sua obra-prima para muitos, achava-se recluso.

Seria equivocado sugerir que o trabalho de denúncia mais reflita a insatisfação de Graciliano Ramos tanto com as palavras quanto com a convenção, ou seja, como mundo ferido por dentro (e dilatado na

⁶⁷ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, v. 1, p. 34.

⁷

⁸ *Ibid.*, p. 60.

⁹ *Ibid.*

experiência carcerária) em razão das contradições e abusos da lei oriundos de fora. No caso da “sintaxe”, a repreensão vem do que excede o escritor, antes e depois: antes de exprimir sentimentos e ideias como após realizá-los em obras com a estrutura e a dimensão de as *Memórias do cárcere*. Se a liberdade de dentro é superiormente considerada em relação àquela “de todos os dias”, é porque o desígnio da “lei”, à medida que exige prudência de quem vê, paralisa o coração de quem cede. Recordemos Fichte: “*liberdade* significa: não há natureza acima da vontade, esta é sua única criadora possível”¹⁰. A ideia de resistir para denunciar reclama essa liberdade que só nos diz respeito e a mais ninguém – a da imaginação criadora, que descansa algures, longe do poder de intimidação da palavra e da “lei”. *Memórias do cárcere* é livro que prepara o futuro no centro de quem busca, através da literatura, resistência, assumindo a obra, aí e então, a condição de legado insubstituível.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 2.ed. Trad. de Antônio Abranches, César Augusto R. de Almeida e Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FICHTE, Johann C. Introdução à teoria do Estado. In: *Os pensadores*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 297-313.

LUKÁCS, Georg. *Teoria do romance*. Trad. de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 19.ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1984. 2 v.

¹⁰ FICHTE, Johann C. Introdução à teoria do Estado. In: *Os pensadores*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 305 (grifo do autor).